



Desculpa se não fico Linda quando Choro



Joya
Goffney



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Joya Goffney



Desculpa se
não fico Linda
QUANDO CHORO

Tradução
Karine Ribeiro



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Joya Goffney, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Karine Ribeiro
Todos os direitos reservados.
Título original: *Excuse Me While I Ugly Cry*

Nenhuma parte desta publicação deve ser usada ou reproduzida de qualquer maneira sem permissão por escrito, exceto no caso de breves citações incorporadas a artigos críticos e resenhas.

Preparação: Karoline Melo
Revisão: Karina Barbosa dos Santos e Tamiris Sene
Projeto gráfico e diagramação: Maria Beatriz Rosa
Capa e ilustração: Marina Venancio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Desculpa se não fico linda quando choro

Desculpa se não fico linda quando choro / Joya Goffney;
tradução de Karine Ribeiro. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
288 p.

ISBN 978-85-422-2185-5

Título original: *Excuse Me While I Ugly Cry*

1. Ficção infantojuvenil norte-americana 2. Horror I. Título
II. Ribeiro, Karine

23-1601

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção infantojuvenil norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

O DIA EM QUE PERDI MEU DIÁRIO DE LISTAS

– Frank Sinatra.

– Qual música? – pergunta Auden.

– Só escreva *Frank Sinatra*.

– Mas o sr. Green quer que a gente seja específico.

Carter suspira. Ele está sentado na grama diante de mim, os braços envolvendo os joelhos, discutindo com Auden. Estou distraída demais para prestar atenção, observando Carter enrolar as mangas da camiseta, o tecido branco contrastando com a pele negra. Nunca fui colocada no mesmo grupo que ele, mas agora que estamos aqui, não consigo me concentrar em nada além de seu físico.

Quando Carter se mudou para cá no segundo ano, lembro-me de pensar que ele parecia diferente dos garotos brancos e ricos que sempre estiveram ao meu redor – eles de bermuda e camisa polo, Carter com camisetas surradas e shorts de basquete. Eu não conseguia parar de olhar. Mas quando o olhar dele, enfim, encontrou o meu, ele o desviou imediatamente. Sei lá. Por algum motivo pensei que Carter me enxergaria, me enxergaria *de verdade*, já que temos a mesma pele negra retinta, mas não. Ele me olhou de maneira tão patética quanto olhava para todo mundo.

– Hã, Quinn?

Tiro o olhar da barba por fazer no queixo de Carter e o vejo me encarando, as sobrancelhas franzidas como se estivesse pensando que enlouqueci.

Minhas bochechas esquentam enquanto cubro a boca com as pontas dos dedos.

— Qual era a pergunta? — questiono Auden, com medo demais para olhar de novo para Carter. Esta é a terceira vez que ele me flagra babando nele.

Auden desvia o olhar, impaciente.

— Você tem uma sugestão para a trilha sonora da nossa peça sobre John F. Kennedy? O projeto em que estamos trabalhando já faz horas.

Toco a base da minha garganta. *Certo*. Engulo em seco e procuro respostas no céu limpo.

— Quais músicas temos até agora? — enrolo, arrancando grama do chão.

Com um suspiro frustrado, Auden confere a lista que tem sobre o colo. Auden é assim: doce, mas não relaxa nem um pouquinho. Já fui colocada no grupo dele antes, e assim que recebemos a tarefa, ele começa a distribuir ordens. Também é o tipo que faz todo o trabalho do grupo, porque ninguém segue as ordens dele direito. As pessoas tendem a tirar vantagem disso. Estou tentando ao máximo não me tornar uma dessas pessoas, mas Carter...

Controle-se, Quinn!

Enquanto Auden continua a ler as músicas na nossa lista de trilha sonora, pego meu caderno vermelho de espiral da mochila, folheando minhas listas de coisas a fazer e de instruções, até a última parte, de listas aleatórias. Se eu conseguir tirar de uma vez só os pensamentos sobre Carter da cabeça, talvez consiga focar no assassinato do JFK.

CARTER É...

1. Legal. Em todos os sentidos da palavra.
2. Gato. Pra. Caramba.
3. Um cara "negro de verdade", como ouvi pelos corredores da escola particular predominantemente branca em que estudamos, o que me faz pensar sobre a autenticidade da minha própria negritude. Nunca ouvi ninguém me chamar de garota "negra de verdade". Na verdade, só escutei o contrário. Aposto que Carter nunca tem que lidar com gente contando piadas sobre negros perto dele. Deve ser legal.

4. Ser o típico aluno-do-fundão, testa-sempre-grudada-na-mesa, realmente o torna mais misterioso. Ele nunca compartilha suas ideias na aula, então de repente ter acesso a elas deve ser o motivo de eu estar tão chocada agora.
5. Nada materialista, ao contrário dos outros garotos da nossa escola. Ele nem liga para marcas. Se ainda funciona, está bom demais para ele. Gosto disso. Também me considero bem básica.
6. Cuidadoso com o próprio cheiro. Consigo sentir daqui, e não é nada enjoativo como as colônias que os outros garotos usam. Carter tem cheiro de banho tomado.
7. Relutante em namorar garotas da nossa escola, o que é bem desanimador.
8. Um pegador? Ouvi um boato sobre ele e Emily Hayes se pegando em uma festa no ano passado. Mas nunca foi confirmado.
9. Meio antissocial. Geralmente não se enturma com os alunos brancos da escola, o que significa que ele não tem muitos amigos. Eu só o vejo conversar com Olivia Thomas. Toda vez que os vejo rindo juntos, fico desejando ter amigos negros também.

— Hilary. — Espio por cima de minha lista, encontrando os olhos curiosos de Carter. — Você sabe que só podemos entregar uma lista em nome do grupo, certo?

Ele não consegue ver meu diário, mas parece saber que estou escrevendo sobre ele. Com as bochechas pegando fogo, fecho o diário de uma vez.

— Não é isso que estou fazendo. — Abaixo o olhar para a capa vermelha brilhante. — E pare de me chamar assim, por favor. Não me pareço nem um pouquinho com ela.

Carter está me chamando de Hilary desde que chegou aqui em casa hoje. Ele saiu do Nissan Versa de Auden, olhou para a minha casa como se fosse o Will em *Um maluco no pedaço* e disse:

— Caaaaara, eu não sabia que você vivia assim. Desse lado de cá, igual a Hilary Banks e tal.

Eu acho que sou pelo menos uma Ashley.

Carter me olha com diversão, os braços apoiados nos joelhos.

— Acho que você é mais inteligente que a Hilary. Mas aposto que é mimada que nem ela. Você parece só precisar gritar “papai” pra conseguir o que quer.

— Como é? — digo, surpresa. — Não sou mimada.

— E você fala como ela também! — Ele ri, inclinando a cabeça para trás.

— Não falo nada! — Abaixo o tom de voz. — Eu não falo que nem ela. Carter balança a cabeça, emitindo um muxoxo, brincalhão.

— Não precisa ter vergonha, Hilary.

Reviro os olhos como se estivesse irritada, mas na verdade estou desviando a atenção dele. Não estou acostumada com Carter olhando para mim por mais de um segundo.

— Quem é Hilary? — pergunta Auden, nos lembrando de que não estamos sozinhos.

— Não é da sua época, amigão. — Carter se levanta, puxando a camiseta branca para baixo e cobrindo o elástico da bermuda preta de basquete. Ele se aproxima de mim, o corpo bloqueando o sol. — Preciso ir ao banheiro rapidão. Me mostra onde é?

Eu podia apenas dar instruções (pela entrada, seguindo pela sala de estar, primeira porta à direita), mas ele está me oferecendo a oportunidade de ficarmos sozinhos. Como posso recusar?

Meu pulso dispara em meus ouvidos enquanto ele me segue até a porta dos fundos.

— Ei. Aonde vocês estão indo? — pergunta minha mãe, da cadeira dela no quintal. Estava mexendo no celular, “vigiando”, como se não estivéssemos no último ano do ensino médio, a dois meses da graduação.

— Vou mostrar para o Carter onde é o banheiro.

Ela volta ao celular.

— Tudo bem. Volte logo, Quinn.

Prendo um suspiro. Quer dizer, eu entendo. Ela não está acostumada a me ver recebendo em casa um garoto que não seja nosso vizinho, Matt. Principalmente não um garoto negro, alto e lindo.

Quando a porta se fecha atrás dele, fico muito consciente de como a cozinha é grande e vazia. De como estamos totalmente sozinhos. De como, enquanto o conduzo na sala de estar, não tenho ideia de

para onde ele está olhando. Tiro meu cabelo da nuca e o deixo cair sobre o ombro.

— Bonita sua casa, Hilary.

Eu me viro e começo a andar de costas, passando pelo sofá branco impecável e pelas mesinhas laterais de madeira.

— Por que você ainda está me chamando assim? Não decidimos que sou mais inteligente do que ela? — Estou dando um sorrisinho, jogando o joguinho dele.

Mas então Carter diz:

— Será que é mesmo?

Minhas costas batem na moldura da porta do lavabo.

— Você tá brincando?

— Quer dizer... — Ele dá de ombros, se aproximando de mim, olhando para os móveis da sala. — Entrar em Columbia não quer dizer que você é inteligente. Só que você é rica.

Sinto meu estômago revirar com a menção à Columbia. O tom dele não está mais divertido, nem sua expressão. Meu sorrisinho desaparece, e Carter se junta a mim na soleira da porta, tão perto que posso sentir sua fragrância impecável.

— E, é óbvio, você é muito rica — diz ele, gesticulando para o vaso de milhares de dólares na cornija e para a lareira elétrica de um metro e meio. O tom de voz dele é amargo. Em seguida, olha dos meus chinelos até o topo do meu cabelo volumoso. — Garotas como você nem de longe têm que trabalhar duro como alguém como eu.

Sinto meu maxilar enrijecer. Carter não faz ideia do quanto tive que lutar. Mesmo que eu seja rica, ainda sou uma das únicas pessoas negras da nossa escola. Tenho que lidar com a mesma merda racista que ele.

— Você não sabe nada sobre mim.

Ele resmunga, pensando e mantendo o dedo indicador em riste.

— Sei que você entrou em Columbia.

Meu estômago revira outra vez.

Carter estreita os olhos, falando baixo.

— Mas também sei que você está tendo dificuldade em todas as aulas.

Ergo as sobrancelhas.

— Como é que você sabe? — pergunto antes de sequer considerar esconder o fato de que ele está certo.

— Está na cara. — Ele sorri. — E eu sou observador.

Está na cara que estou com dificuldade? Não é como se eu sáísse por aí mostrando minhas notas menos-que-espetaculares, então o que ele sabe sobre isso, caramba? E, de qualquer forma, quem é ele para falar? Carter nunca diz uma palavra sequer na aula, imagine pegar uma caneta e fazer anotações. Duvido que as notas dele sejam muito melhores que as minhas.

Ele assente enquanto observa todos os nossos móveis.

— Aposto que seu pai doou uma biblioteca ou algo assim. — O olhar superior dele pousa em mim. — Imagino que só assim pra *você* ter entrado em Columbia.

Ele diz *você* como se soubesse exatamente como sou pouco impressionante. A presunção dele se arrasta sob a minha pele e se aninha lá.

— Quer saber? O banheiro fica ali. — Indico a porta à esquerda com a cabeça. — Fique à vontade.

Então passo por ele, empurrando-o com o ombro.

Quem ele pensa que é? Troquei duas palavras com esse cara, e ele acha que sabe tudo sobre mim. Eu falei que ele era gato? Engano meu. Carter parece uma sujeira no meu sapato. Esse é o tamanho do meu interesse por ele no momento.

Bato a porta do quintal com força, fazendo as janelas dos fundos tremerem. Minha mãe ergue a cabeça de uma vez. O olhar dela pergunta se eu enlouqueci.

— Desculpe — digo antes que ela me repreenda.

Quando me aproximo, Auden está de cabeça baixa, analisando a lista da trilha sonora. Pego meu diário e folheio até a nova lista sobre Carter.

— Tá tudo bem? — pergunta Auden.

— Tudo perfeito.

CARTER É...

10. Um babaca julgador.

11. Um filho da mãe sabe-tudo, arrogante e pretensioso.

12. Pior do que parece. Queria nunca ter visto os pensamentos horríveis da cabeça dele.

Estou pensando em mais insultos quando Carter desliza pela porta dos fundos com um sorriso convencido. Nem olho quando ele se senta na grama.

— Seu pai está em casa — diz ele, sorrindo, mas então o sorriso falha, como se fosse difícil manter a pose. — Quando me viu, achou que eu fosse um ladrão. — Carter abaixa o olhar, pressionando os lábios. — Acho que não está acostumado a ver um preto de verdade na casa dele.

Meu estômago revira, um suor frio tomando conta de mim. Auden ergue a cabeça.

— Então vou dar no pé. — Carter assente, irritado e decepcionado e magoado. Ele parece estar a ponto de dizer *Eu disse. Disse que sei exatamente quem você é*. Mas está enganado. Isso tem que ser um engano.

Largo meu diário na grama e me apresso pelo quintal. Minha mãe percebe minha agitação.

— Quinn, o que foi?

Encontro meu pai na cozinha quando ele está prestes a subir a escada, os sapatos de trabalho na mão.

— O que você falou para o Carter?

Ele me olha por cima do ombro, as sobrelanceiras erguidas.

— Quem é Carter?

Está se fazendo de bobo, mas não tenho tempo para isso.

Aponto para trás de mim.

— O garoto que acabou de passar por aquela porta. Carter ficou com a impressão de que você achou que ele era um ladrão.

— Desmond, é sério? — sibila minha mãe, fechando a porta atrás de si.

— Eu não achei que ele era um ladrão. — O rosto dele se contorce. — Minha casa inteira estava vazia, exceto por um estranho saindo do meu banheiro. Só perguntei o que ele estava fazendo aqui.

Reviro os olhos, balançando a cabeça negativamente. Consigo imaginar agora: Carter sai do banheiro quando meu pai entra em casa, já tendo tirado os sapatos na porta. Quando se veem, a voz do meu pai

troveja: *O que você está fazendo na minha casa?*, a acusação óbvia em seus olhos. Mas ele não vai admitir e não vai se desculpar. Ele nunca se desculpa por nada.

— Você perguntou por que ele estava em casa? É óbvio que ele é meu colega da escola — digo.

— Conheci vários dos seus colegas, mas nunca vi aquele garoto antes.

— Não estou acreditando nisso, Desmond — diz minha mãe.

O olhar dele encontra o dela.

— Como se você pudesse falar alguma coisa, Wendy.

— Como é? Eu jamais pensaria que ele era um criminoso. Baseado em quê? Na aparência dele? Eu sou de Chicago...

Meu pai joga os braços para cima, deixando os sapatos caírem.

— Lá vamos nós. Você é de Chicago. Nós sabemos, Wendy! Que tal se você não mencionar toda vez?

Ótimo. Eles encontraram um motivo para brigar.

Mas a cozinha fica silenciosa quando a porta do quintal se abre. Carter e Auden entram com as mochilas nas costas, totalmente cientes do que estão interrompendo. Estou entre meus pais, mortificada.

— Vocês já vão? — pergunta minha mãe, com um sorriso charmoso de anfitriã.

— Sim, senhora — responde Auden. — Obrigado por nos receber.

— Vocês gostariam de algo para a viagem? Carter? — pergunta ela a ele em específico, tentando suavizar o fiasco do meu pai.

— Não, senhora — responde ele, olhando por sobre o ombro. E então passa por mim, enojado.

— Te vejo na escola, Quinn — diz Auden.

Carter fica em silêncio.

A porta da frente se fecha, e não há nada que eu possa fazer para que ele mude de ideia sobre mim ou sobre minha família rica e metida.

Minha mãe se volta para meu pai.

— Você insultou aquele garoto. Precisa se desculpar.

— Não vou. Se o garoto acha que eu pensei que ele era um criminoso, então acho que isso diz mais sobre ele do que sobre mim.

Minha mãe ri, passando por mim e indo até o balcão.

— Você *nunca* se responsabiliza pela forma como faz as pessoas se sentirem.

— Não sou responsável pelas percepções distorcidas das pessoas. Só perguntei o que ele estava fazendo na minha casa. Não fiz nada de errado!

— Você nunca faz nada de errado, Desmond!

A briga não é mais sobre Carter.

Já ouvi o bastante, então vou para fora e tento tirar da minha mente o nojo nos olhos de Carter. O que ele deve estar pensando de nós? Nem eu sei o que pensar a esse respeito. Não sei exatamente o que aconteceu, mas é vergonhoso que ele tenha tido que passar por isso na casa de uma família negra. Na *minha casa*.

Mesmo do quintal, consigo ouvi-los gritando. Nunca é suficiente ir para fora, então saio. Vou à casa de Matt, ao lado, e subo na cama elástica dele, dando o meu melhor para manter o vestido no lugar. Mando uma mensagem para ele: **Estou na base. Cadê você?**

Alguns segundos depois, ele responde: **Tô indo.**

Estico as pernas para a frente e espero, flexionando as panturrilhas e examinando o esmalte nas unhas dos meus pés. A cada segundo aumenta o peso das batidas do meu coração.

A porta dos fundos se abre. Matt vem para fora, usando uma camisa vermelha e preta da Escola Particular Hayworth e uma bermuda amarelo-intensa, sem sapatos. Ele começa a correr, o cabelo castanho perfeito balançando ao vento. Quando chega à extremidade da cama elástica, ele pula do meu lado, me fazendo pular também e me forçando a segurar o vestido no lugar. Eu rio contra minha vontade.

Matt se senta aos meus pés, esticando as pernas.

— Quinnzinha. — Ele sorri, e me alegro só de olhá-lo.

— Mattzinho — digo, meu sorriso não tão intenso quanto o dele. Ele percebe, seu sorriso se desfaz.

— O que aconteceu? — Ele agarra meus pés e se puxa para mais perto. Então se abaixa, cruzando os braços sobre minhas canelas.

Gostamos de jogar esse jogo de gangorra, onde eu empurro o peito dele com os dedos dos pés, e ele empurra meus pés com o peito. Matt diz que é um bom jeito de exercitar minhas panturrilhas e, ao mesmo tempo, alongar suas coxas. Afinal de contas, ele é jogador de futebol, e seu corpo mostra isso.

Eu não preciso exercitar minhas panturrilhas – odeio futebol –, mas essa brincadeira me deixa mais tranquila.

– Meus pais estão brigando de novo – digo, me perdendo na maciez e no calor da camisa dele, e na rigidez de seu peito por baixo dela.

– Sobre o que desta vez?

– O de sempre. – Não quero falar do assunto de Carter de jeito nenhum. – Meu pai nunca admite que está errado, mas é óbvio que minha mãe gritar com ele não ajuda.

– Mas é melhor eles gritarem. – Matt olha para mim, seus olhos azuis iluminados por um raio de sol. Os pais dele não brigam, ou melhor, brigam em silêncio. É tão intenso quanto a gritaria dos meus pais, se não mais. – Você tem que se preocupar quando eles pararem de gritar.

Ele está sorrindo de um jeito triste.

– Preocupar com o quê?

– Divórcio.

Empurro meus dedos no peito dele, firmando meus calcanhares na cama elástica.

– Os seus pais...

Matt balança a cabeça, fazendo o cabelo cair na testa, e então corre os dedos por ele, alinhando os fios.

– Não até que eu me mude.

– Como você sabe?

– Ouvi eles conversando quando acharam que eu não estava por perto.

Relaxo os músculos da panturrilha, deixando o peso do peito dele empurrar as solas dos meus pés.

– Sinto muito, Matt.

Ele dá de ombros.

– Acho que é uma droga, mas não vou estar por perto para ver.

– E quando você voltar para casa no Dia de Ação de Graças e no Natal?

Matt franze as sobrancelhas.

– Não pensei nisso. – Ele me olha, franzindo a testa. – Obrigado, Quinnzinha.

Dou risada.

– Foi mal!

— Que jeito de arruinar minha perspectiva. — Ele ri também.

Apoio as mãos atrás de mim, inclinando o rosto em direção ao céu.

— Eles vão se sentir tão culpados que você vai ganhar o dobro de presentes de Natal e o dobro do jantar de Dia de Ação de Graças.

— Não é assim que a minha casa funciona. Parei de receber presentes de Natal depois que fiz catorze.

— Sério? — pergunto, distraída. O céu está tão azul e limpo. Inspiro fundo, o ar entrando nas minhas narinas tão quente quanto sai.

— Não temos dinheiro pra Columbia — provoca Matt.

Fico tensa, tirando os olhos do céu.

— Melhor ainda, não temos dinheiro tipo aquele pessoal que dá uma Mercedes novinha pra parabenizar um filho.

Me encolho, cedendo sob a culpa.

— Droga, queria que eles não tivessem feito aquilo.

— Você não ama a Mercê? — Reviro os olhos, empurrando o peito dele com força. Matt ri, se inclinando mais. — O que tem de errado com ela?

— Eu só... — Suspiro e me deito. Minha mãe vai me matar se descobrir que deitei nesta cama elástica suja. — Sinto que não mereço.

— Quinn, você entrou em Columbia, pelo amor de Deus. É óbvio que merece.

Fecho os olhos com força.

— Não, não mereço.

Meu sussurro é para o vento; tenho medo de admitir exatamente por que não mereço. Se Matt soubesse. Se meus pais soubessem. Eles devolveriam a Mercedes rapidinho.

— E, olha só, eu ainda não tive a chance de andar nela.

— Ninguém teve.

— Que mentira. Quando seus pais te deram, Destany foi a primeira pessoa a pegar uma carona.

Meu corpo todo enrijece com a menção do nome dela. *Por favor, não pergunte.*

— Falando nela...

Ai, Deus, lá vamos nós.

— O que está rolando entre vocês duas? O que aconteceu na festa do Chase no fim de semana?

Não respondo. Meus olhos estão arregalados, tomados pelo enorme céu azul do Texas.

— Quinn — chama Matt, dando tapinhas na minha canela.

— Não quero falar sobre isso, Matt. — Não quero nem pensar no assunto.

— Fiquei sabendo de umas coisas do caralho. — Ele sussurra o palavrão. Matt não fala palavrão, a não ser que esteja falando sério.

— O que você ficou sabendo? — pergunto, como se eu já não soubesse.

— Que vocês duas estavam brigando por *minha* causa.

Fecho os olhos.

Matt solta minhas canelas e afasta o peito dos meus pés. Eles estão frios agora, e meus tornozelos parecem leves. Ele engatinha ao meu redor e se senta de pernas cruzadas ao lado da minha bochecha.

— É verdade?

Viro meu pescoço para encontrar seus olhos preocupados.

— Não estamos brigando por sua causa. A essa altura, nem estamos brigando. Nosso divórcio está finalizado.

O olhar de Matt encontra o meu, sério.

— Se você tivesse um problema com o fato de eu chamar ela para sair, teria me dito, não é?

— Matt, você e eu somos amigos. Você pode namorar quem quiser.

Torno a fechar os olhos. Podemos voltar a brincar de gangorra e não falar de mais nada? Porque por mais que talvez eu tenha “tido um problema” com Matt chamando Destany para sair, não sou mesquinha a ponto de deixar isso arruinar uma amizade de dez anos.

Ele ergue as pernas, pega uma mecha do meu cabelo e brinca com ela em seu colo. Fico nervosa com a quantidade de creme que passei nele esta manhã e se Matt vai sentir na textura. Tiro meu cabelo da mão dele e o deixo cair sobre meu outro ombro.

Não passa despercebido. Matt deixa a mão cair, desanimado.

— Bem, *agora* é que não posso chamar ela para sair. Não se eu quiser manter minha amizade com você.

Viro de lado, encarando-o com meu cotovelo apoiado na cama elástica.

— Isso é verdade.

— É por isso que mereço saber. — Os olhos azuis dele escaneiam meu rosto, descendo até minha mão descansando na frente do meu abdômen. Ele agarra meus dedos entre os deles.

Então a porta dos fundos range, abrindo. A mãe dele coloca a cabeça para fora.

— Matt?

Afasto minha mão.

— Ah, Quinn. — Ela nos vê e sorri. — Oi, querida.

— Oi, sra. Radd. — Me endireito, alisando meu vestido.

— O jantar está pronto. — Ela apoia a cabeça na porta. — Você é bem-vinda para se juntar a nós.

— Obrigada, mas preciso ir. Tenho certeza de que minha mãe está cozinhando alguma coisa.

Mentira total. Minha mãe não cozinha para mim há anos. Mas eu com certeza não quero ficar para o jantar, não com Matt fazendo todas essas perguntas sobre Destany e meus sentimentos em relação a ele – não estou pronta para discutir nada disso.

— Diga a Wendy que eu mandei um oi.

Assinto, sorrindo. Então volto a olhar para Matt.

— Já vou, mãe — diz ele.

— Tá bom. — Ela tira a cabeça da porta. — Bom te ver, Quinn.

— Igualmente.

Matt se vira para mim com um olhar cansado.

— Você podia mesmo ficar. Sei que sua mãe não está cozinhando. Sorrio.

— Preciso ver se a casa ainda está de pé.

— Você poderia pelo menos dizer por que é um segredo?

— Você não saber é para o seu próprio bem. — E assim eu me levanto e vou até a extremidade da cama elástica.

— Isso só me faz querer saber ainda mais.

Olho para Matt por sobre o ombro.

— Estou de vestido. Você se importa de se virar?

Ele olha para minhas pernas nuas, suspira e fecha os olhos.

Me apresso para a chegar à beirada, com o celular na mão, fazendo o possível para manter minha saia baixa caso a mãe dele esteja observando pela janela. Quando consigo calçar meus chinelos de novo, digo:

— Tchau, Mattzinho. Obrigada por vir me ver.

— Até a escola.

Há muitos motivos pelos quais não posso contar a ele o que aconteceu entre mim e Destany. Todos eles estão enchendo minha cabeça enquanto volto para casa, de modo que é difícil pensar – é difícil não pensar.

Tipo, primeiro, contar para Matt vai me fazer reviver o fim de semana passado.

Segundo, contar a ele vai fazê-lo perceber quem é Destany de verdade, e isso vai arruiná-la para ele.

Terceiro, se o que eu contar não arruinar Destany para Matt, então arruinará ele para mim.

Quarto, Matt pode achar que não é tão importante assim.

Quinto, se ele me magoar também, vou ficar sozinha para caramba.

Preciso anotar isso para parar de pensar no assunto e de sentir essa necessidade incessante de dar meia-volta e contar tudo para Matt, por que talvez ele vá entender.

Sexto, ele nunca poderia saber de verdade por que me sinto dessa maneira, porque é branco.

Quando volto ao meu quintal, procuro pelo diário na grama. Está ao lado da minha mochila. Quando eu o pego, meus olhos inspecionam a tinta preta espalhada pela capa vermelha, e por alguns segundos eu a encaro, confusa. De onde saiu essa tinta toda? Viro a capa na esperança de encontrar meu nome escrito no papelão, mas encontro apenas manchas engorduradas e aleatórias.

Este não é o meu diário.

Sinto um frio na barriga. Impossível. Claro que este é o meu diário. *Tem* que ser meu diário. Quer dizer, eu estava com ele dois segundos atrás. Não estava? Escrevi aquela lista sobre Carter, então o coloquei na grama antes de entrar em casa, e aqui está. De alguma maneira, a capa deve ter sido pintada. Minhas listas estão seguras lá dentro. Precisam estar.

Mas quando abro a capa, encontro as anotações ilegíveis de Carter... e não minhas listas.